

CORREIO NO MUNDO

Reuters/Folhapress



Governo Trump causou mortes e tensões em Minneapolis

Política de imigração de Trump vira fardo político

A política imigratória que foi peça central da campanha de Donald Trump em 2024 - e o ajudou a reconquistar a Casa Branca - pode se tornar seu principal fardo político às vésperas das eleições legislativas de meio de mandato, as chamadas midterms. Ao longo do último ano, imagens de agentes de imigração prendendo e perseguindo supostos imigrantes em situação irregular se espalharam pela internet. Cenas de violência, prisões e pessoas sendo retiradas de suas casas intensificaram as tensões entre a população e os agentes - especialmente os do ICE. O ponto de ruptura veio neste ano, quando dois cidadãos americanos que protestavam foram mortos por agentes em Minnesota em datas diferentes.

Pesquisa aponta impacto político

A reação do governo Donald Trump foi imediata: em questão de minutos, as vítimas foram classificadas de terroristas e descritas como ameaças aos policiais. As imagens, porém, contaram uma história completamente diferente - e o episódio gerou uma onda de protestos em massa, críticas do próprio partido Republicano e um visível desgaste na imagem do presidente e de todos os membros de sua equipe.

Daniel Torok/ Casa Branca



Trump vê crescer rejeição entre seus apoiadores

Desgaste visível entre os eleitores

Uma pesquisa divulgada pela Reuters-Ipsos na quarta (22) mostra o tamanho desse desgaste. Nas semanas seguintes à posse, em janeiro de 2025, 50% dos americanos aprovavam a política imigratória do presidente. Hoje, esse índice caiu para 40%. Com as midterms se aproximando, o levantamento aponta que o acúmulo do último ano pode pesar nas urnas: 52% dos americanos afirmaram ter menos probabilidade de votar em candidatos que endossem a abordagem de Trump para deportações, contra 42% que disseram ser mais propensos a apoiar esse perfil.

Rejeição é sentida pelo eleitorado

Entre os eleitores independentes, a rejeição é ainda maior. 57% preferem candidatos contrários às deportações promovidas por Trump, enquanto apenas 32% apoiam candidatos alinhados ao presidente nessa questão. O quadro revela uma tensão que o próprio eleitorado parece sentir.

Por Isabella Menon (Folhapress)

Imigração

Apenas um em cada quatro entrevistados avaliou os esforços atuais de repressão como menos agressivos do que um mês atrás e 70% considerariam uma abordagem mais moderada uma mudança positiva. Ao mesmo tempo, 84% dos americanos dizem que fronteiras seguras são ao menos algo importante.

Tensão crescente

Enquanto isso, 87% defendem o cumprimento das leis de imigração. Apoiam o controle, mas rejeitam a forma como ele vem sendo conduzido.

Essa tensão também chegou ao Partido Republicano. Uma das vozes a se manifestar contra a conduta foi a deputada Maria Elvira Salazar.

Crítica

Após a morte do segundo americano em protesto, em janeiro deste ano, Salazar publicou nas redes sociais crítica à crise e afirmou que "ninguém quer ver americanos mortos" nas ruas, classificando o episódio de uma tragédia e pedindo um relatório completo e transparente sobre os casos.

Não funciona

Maria Elvira Salazar argumenta que o atual sistema imigratório não funciona e atribui o problema a décadas de inação do Congresso e a leis consideradas ultrapassadas. Para Salazar, o momento atual exige um debate mais amplo e honesto, com liderança imediata do Legislativo para promover reformas estruturais.

Esforços

Em texto, a deputada defende que os esforços de fiscalização devem se concentrar em criminosos perigosos - não em trabalhadores sem documentação. "Coiotes, chefes de cartel e traficantes de drogas" deveriam ser a prioridade. No mês passado, ela disse estar "muito preocupada" com os rumos da questão imigratória no partido.

Problema

As consequências já são visíveis: operações foram paralisadas, troca no comando da Secretaria de Segurança Interna e na chefia das operações, e o ritmo de detenções desacelerou. O que foi bandeira virou problema, e as urnas de novembro podem cobrar o preço.

Por Isabella Menon (Folhapress)



Conflito com a Rússia perdeu o foco no cenário geopolítico

Zelenski pede atenção à guerra na Ucrânia

Negociações não podem esperar a guerra no Irã terminar, disse

Por Folhapress

O presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelenski, afirma que as negociações para tentar encerrar a guerra na Ucrânia não podem ficar em segundo plano por causa do conflito no Irã. Declaração foi feita em entrevista à CNN.

Zelenski disse ver risco em condicionar a retomada de esforços diplomáticos ao fim da guerra no Irã.

Para ele, a mudança de foco internacional tira atenção da agressão russa e pode travar iniciativas em paralelo.

Presidente ucraniano afirmou que conversas técnicas com os EUA continuam, mas que não enxerga espaço para uma reunião política agora.

"Mas nós não temos o financiamento. É realmente uma questão de vida, de sobrevivência; para nos defendermos, precisamos muito desse dinheiro.", disse Zelenski, à CNN.

Zelenski apontou como desafio o fato de o mesmo time americano tocar as negociações sobre Irã e Ucrânia. Ele citou o enviado Steve Witkoff e Jared Kushner, genro do presidente Donald Trump, como integrantes da equipe envolvida nas duas frentes.

Ucraniano também relatou impacto do conflito no fornecimento de armas para Kiev, com atrasos em itens considerados-chave. Ele destacou a falta de

mísseis antibalísticos e disse que a produção limitada nos EUA reduz a quantidade disponível para a Ucrânia.

Empréstimo europeu e pressão por recursos

Zelenski falou com a CNN horas depois de a União Europeia aprovar um empréstimo de 90 bilhões de euros para a Ucrânia.

Ele afirmou que o dinheiro é decisivo para manter a capacidade de defesa e para ampliar a produção local de armamentos.

Segundo a reportagem da CNN, o pacote de apoio estava prometido havia meses, mas foi atrasado por um impasse político na Hungria. A reportagem relata que o então primeiro-ministro Viktor Orbán bloqueava o acordo e condicionava apoio à retomada do trânsito de petróleo russo para a Europa.

Volodymyr Zelenski afirmou que a falta de recursos impede a Ucrânia de produzir tudo o que consegue fabricar.

O presidente ucraniano deu como exemplo os interceptores de drones, dizendo que o país está produzindo atualmente cerca de mil unidades por dia, embora tenha capacidade para fabricar 2 mil diariamente.

"Não temos financiamento. É realmente uma questão de vida ou morte, de sobrevivência, de defesa; precisamos muito desse dinheiro", afirmou Volodymyr Zelenski à CNN.